



## NIETZSCHE: EDUCAÇÃO E TEMPO NAS CONSIDERAÇÕES EXTEMPORÂNEAS

Elson dos Santos Gomes Junior <sup>1</sup>

### RESUMO

A chamada modernidade trouxe, mediante suas transformações e a dissolução da sociedade absolutista, uma série de mudanças. Dentre estas podemos citar as transformações ocorridas através das chamadas revoluções burguesas, a francesa e a industrial. Além disso, uma reordenação do papel da religião que sofreu duras críticas com o desenvolvimento do pensamento científico. Neste contexto, Nietzsche se colocou como analista metucioso e defensor de uma humanidade plena. Desta vez, mais do que a busca por competências racionais, padrões e mecanização das atividades humanas, sua atenção se voltou para a plenitude da existência humana através de uma educação que considere o ser em seu tempo e existência como detentor dos mecanismos que podem conduzir a uma vida plena (o que não significa sem problemas). Neste sentido, este trabalho tem por finalidade apresentar nos textos nietzscheanos “considerações extemporâneas” a abordagem sobre a importância da educação e sua relação com o tempo, em uma sociedade marcada por padrões e universalismos que, muitas vezes, impedem a existência plena dos sujeitos. Para isso, foi realizado uma análise dos citados textos e alguns comentadores com o fito de estabelecer a definição de uma proposta educacional preocupada com a relação educação-tempo. Assim, a partir de tal procedimento, construíram-se como resultado de tal análise alguns pilares importantes. Entre eles, a importância de uma educação plural, a reavaliação do conceito de tempo no processo educativo, a importância de uma educação que considere as dores da existência e, por último, a busca por restauração.

**Palavras-chave:** Nietzsche, Considerações Extemporâneas, Educação para a Vida, Tempo.

### INTRODUÇÃO

A filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) dialoga diretamente com o processo de consolidação da sociedade burguesa e capitalista. Assim as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais acarretaram um processo de dissolução da sociedade baseada na tradição. Como salientou inúmeras vezes, o homem é devir. Por isso, dialoga com o tempo, com a história, com as mudanças, e toda uma perspectiva que procura nos mostrar os limites das tentativas de definição humana.

Sua inquietação iniciou-se com seus estudos sobre filologia e a sua obra inaugural “O nascimento da tragédia” (NIETZSCHE, 1999). No entanto, esse foi o marco externo, formal, acadêmico e público, de um homem que, como “devir”, frutificou por possuir bem mais do que foi capaz de comunicar em palavras. No

---

<sup>1</sup> Graduado em Bacharelado em Ciências Sociais e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, [elsonuenf@yahoo.com.br](mailto:elsonuenf@yahoo.com.br);



segundo volume de “Humano, demasiado humano” (NIETZSCHE, 2008, p.63), o filósofo alemão nos chama a atenção no aforismo de número 127, “contra os que censuram a brevidade”. Nele, afirma que “algo que é dito brevemente pode ser produto e colheita de muito que foi longamente pensado”.

Isto nos mostra bem o seu biógrafo (HOLLINGDALE, 2015), ao retratar que a “colheita” dos frutos nietzscheanos é, na verdade, um processo chamado vida. Processo este que abarca o “passado”, o “presente” e o “futuro”. É justamente no seu existir, que ele percebe o mundo através de uma linha que contempla o temporal e o existencial.

Por isso não dispensa qualquer experiência da vida, mesmo que seja a dor. Algumas vezes, principalmente ela. Assim, a infância e família religiosa, a música e seu encanto, as debilidades físicas e psicológicas, foram essenciais para que Nietzsche viesse a “ser”, se formar, se constituir com todo seu conteúdo.

Em seu devir coletou os elementos essenciais para sua antropologia. Os elementos religiosos, psicológicos, biológicos, sociais, culturais, artísticos, linguísticos, entre outros. Foi assim que ele uniu as partes daquilo que nunca foi divisível, e apresentou uma leitura do homem, que ele nunca julgou pronto. Contudo, em sua primeira obra, inaugurou uma busca que teve como único objetivo a libertação do homem através do “devir”.

Ao buscar na Grécia pré-socrática e em sua tragédia uma inspiração para o resgate da cultura alemã e do homem moderno (LIMA, 2006), Nietzsche moveu de igual modo, seu conteúdo histórico-existencial. Desta vez, olhando para um passado que elegeu como de plenitude humana. Segundo Romilly (1998), a tragédia grega possuía elementos que a tornaram capaz de integrar o homem e suas variadas dimensões. A sua primeira visão sobre o complexo que é viver foi na tragédia grega.

Segundo Barranechea (2014), nela Nietzsche encontrou a “alegria do trágico” representada pelos impulsos de Dioniso e Apolo. A liberdade e a forma, a embriaguez e a sobriedade, a tensão entre um mundo que nos ensina a representar, no entanto, não nos ensina a viver. Por isso, Nietzsche (2011) precisa de um “educador”. Contudo, antes de termos quem nos ensine a fazer escolhas e descartar experiências, esse educador precisa ser confiante. Para tanto, precisa acreditar que podemos ser capazes de aprender sem deixarmos de viver.

Esta necessidade coloca o homem em contato com o mundo (BARRANECHEA, 2008). Uma via que, ainda longe de desconsiderar a religião e a metafísica,



embrionariamente, se prepara para retirar as primeiras barras de ferro da grade moral. Por isso, vale ressaltar que as divisões em períodos e/ou obras, seriam uma contradição para a filosofia do próprio Nietzsche. Necessária, apesar disso, devido os propósitos e as limitações deste trabalho.

O segundo passo importante realizado por Nietzsche foi a constatação do esgotamento da tragédia para a formação humana. Segundo Machado (2006), esta se deu a partir do racionalismo socrático-platônico. Desde momento em diante, iniciou-se o processo de decadência que conduziu a humanidade a uma série de prisões. Ela foi esfacelada, partida, mutilada por preceitos morais dos mais variados.

Desta forma, consumou-se uma separação que, mais do que nunca, representou a separação do homem de si mesmo. Primeiro, através do estabelecimento do racionalismo. Depois, pela separação dos impulsos, apolíneo e dionisíaco (MACHADO, 2006; SILVA, 2006; BURNETT, 2012). Isso representou uma ruptura que partiu o homem de dentro para fora, eliminando qualquer possibilidade de plenitude.

Nietzsche também considerou os elementos políticos e econômicos vivenciados por Atenas (LEFRANC, 2005). Por isso, sua interpretação da decadência humana não está baseada em sua análise sobre alguns homens ou, muito menos, de apenas um. E isso é de grande importância para nos aproximarmos de sua visão de mundo que, na verdade, possui muitas faces, muitos lugares, muitas dimensões e, ao mesmo tempo, tudo em um.

Neste sentido, o que orienta este trabalho é buscar compreender como estas inquietações são solucionadas por Nietzsche em seus primeiros textos chamados “Considerações extemporâneas” (NIETZSCHE, 2003; 2008; 2009; 2011; BURNETT, 2012; 2018). O nosso entender, para problemática do existir na modernidade, as categorias de educação e tempo são, no pensamento de Nietzsche, fundamentais para compreendermos sua empreitada para o regate do homem e da cultura.

## **METODOLOGIA**

A metodologia usada será a análise crítica dos textos selecionados para a discussão da temática (NIETZSCHE, 2003; 2008; 2009; 2011). Além disso, serão utilizados autores considerados referências para complementar a investigação proposta por este projeto. Neste sentido, a metodologia será centrada na análise de quatro obras do filósofo escolhido e de pesquisa bibliográfica.



## REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho faz uma análise dos textos de Friedrich Nietzsche, chamados “considerações extemporâneas” (NIETZSCHE, 2003; 2008; 2009; 2011), com o fito de mostrar a atualidade da crítica nietzscheana a respeito da relação entre educação e tempo. Para isso, seguirá o percurso temático de tais textos abordando as seguintes questões: a relação entre educação e os “filisteus da cultura”; a importância da compreensão da categoria de tempo; a busca por um educador; por fim, um projeto de revitalização da cultura.

Neste sentido, a lente que ocupa o papel de auxiliar teoricamente tal problemática proposta se passa no quadro dos primeiros textos publicados por Nietzsche. Assim, apesar de ter as chamadas “considerações extemporâneas” como cerne da discussão, dialoga com “o nascimento da tragédia” (NIETZSCHE, 1999) e sua discussão envolvendo a cultura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Educação e os Filisteus da Cultura

Na primeira extemporânea “David Strauss sectário e escritor”, Nietzsche (2008) elabora uma linha norteadora baseada na questão da educação como um valor cultural. Neste sentido, o aspecto “extemporâneo” é colocado como base para o questionamento da valorização da “disciplina” e da “militarização” como fatores culturais de maior grandeza. Para Nietzsche, a consolidação destas categorias como símbolos da cultura alemã, na verdade, caso ocorresse, significaria a extirpação do espírito alemão.

Esse questionamento surge a partir de disputas militares com a França. Assim, havia uma preocupação em valorizar a cultura militar e, a partir dela, consolidar a cultura alemã. Segundo Nietzsche (2008, p.17), esta proposta não passaria de uma “pseudo-cultura”, pois, além de educar para a disciplina e obediência, distanciaria o homem da liberdade e da arte.

Este posicionamento, segundo Neto (2016, p.42), é característico da mente extemporânea. Esta não se detém apenas por um simples afastamento daquilo que considera nocivo e/ou impróprio à cultura. Antes, manifesta-se como um “afastamento reflexivo que objetiva realizar um ataque ‘crítico’” à sua época.

Neste quadro, Nietzsche (2008) esclarece que cada modelo de cultura também apresenta o seu modelo de intelectual. Assim, em uma cultura militarizada, como a que



estava experimentando a Alemanha no final do século XIX, os manuais e seus organizadores se apresentaram com entusiasmo para o papel (como intelectuais).

Por isso, para Nietzsche (2008, p.19), houve na Alemanha a perda do significado do conceito de “civilização”. Ou seja, os alemães deixaram de distinguir entre “cultura” e “instrução”. Assim falar de cultura deixou de ser uma referência a educação para a diversidade da vida. Neste sentido, antes de buscar instrumentalizar, deveria privilegiar o diálogo com a realidade da vida. Esta, por seu curso, não poderia ser descrita na forma de um manual. Necessita ser “devir”.

A não existência desta condição é justamente a configuração que permite o desenvolvimento e o cultivo da “barbárie”. Com esse termo, na primeira extemporânea, Nietzsche (2008) se refere à importância atribuída a uma educação feita por modelos, cópias, exterioridades. Por isso não há um domínio do “estilo” da cultura. Isso significa que seu conteúdo não é aproveitado de forma dialógica com uma proposta de existência social atrelada a liberdade. Assim enfatiza a falta de distinção entre instrução e educação.

Prosseguindo para a caracterização do “filisteu da cultura”, Nietzsche (2008, p.23), denuncia como este se opõe aos “clássicos” e a pesquisa. A negação da cultura consagrada é, assim, uma das principais características deste pseudo-intelectual. Por isso, “(...) o filisteu da cultura só faz se defender, nega, dissimula, tapa os ouvidos, desvia os olhos, é um ser negativo até em seu ódio e em sua hostilidade”.

O paradoxal deste posicionamento, é que o filisteu da cultura, ao repudiar todos os clássicos, a liberdade e o conhecimento científico, fica, como conteúdo de sua argumentação, com o uso da “fé”. Além disso, se apropria de sua “verdade” como se fosse um guardião dos direcionamentos culturais, artísticos, morais, entre outros. Assim, manifesta-se de forma conservadoramente nociva para a educação.

Segundo Nietzsche (2008, p.37), o filisteu da cultura triunfa fazendo do banal algo relevante. Nessa estratégia, busca se colocar como bastião da forma correta de consumo da cultura. Como consequência, ao não dialogar com os grandes nomes da cultura, busca desconsiderá-los e banalizá-los com o fito de salientar suas demonstrações de fé. É com esse arranjo que se fazem as “fogueiras”, com o fito de destruir a importância da verdadeira cultura de uma nação.

Nietzsche (2008) descreve o “filisteu da cultura” como aquele que insulta e desdenha dos grandes intelectuais (Kant, Schopenhauer e Hegel, por exemplo). Além





disso, se coloca como porta-voz de “verdades dolorosas”, de “palavras agressivas”, corajoso, apresentando-se com uma áurea de “darwinismo”; ou seja, como aquele que destruirá uma sociedade para fundar outra – o que fez David Strauss – segundo Nietzsche (2008).

### **Educação e o Tempo**

Na segunda consideração extemporânea Nietzsche (2003) trata “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”. Nesta análise, faz uma crítica a respeito dos usos da história e, conseqüentemente, da apropriação da ideia de tempo. Segundo Neto (2016, p.43), Nietzsche norteia sua análise tendo como contraponto “a tendência exacerbadamente historicista que dominava a mentalidade acadêmica na segunda metade do século XIX”.

Sua crítica se inicia com uma advertência a respeito do conhecimento histórico. Para Nietzsche (2003, p.5), deve-se fazer uma diferenciação entre o “supérfluo” e o “necessário”. A primeira, diz respeito a história como simples erudição e/ou instrução. A segunda, a história é apresentada como a que “serve à vida”. Neste sentido, mantém sua linha crítica em defesa de um conhecimento que contribua para a existência humana como devir.

Por essa reiterada característica, o homem nunca está pronto. Para Nietzsche (2003) não existe uma instância teleológica para a vida. Por isso a inabilidade humana para entender-se como devir a faz querer viver como um animal; ou seja, quer evitar todos os percalços do seu existir, e o faz através de uma projeção de si, como se estivesse pronto. Assim, “(...) o homem quer apenas isso, viver como o animal, sem melancolia, sem dor; e o quer entretanto em vão, porque não quer como o animal” (NIETZSCHE, 2003, p.7).

Nietzsche traz a questão da apropriação do tempo como equivalente à força diante da vida. Assim, para aqueles que desejam viver “ruminando” o presente, “como um animal”, qualquer turbulência pode derrubá-los facilmente. E é justamente essa a brecha para a manifestação da barbárie. Por isso ela é a-histórica, pois busca negar outras possibilidades do existir humano.

Neste sentido, Nietzsche afirma que a busca pela felicidade completa só pode ser alcançada negando a própria história. Somente operando em modo “animal” o homem pode plenamente ser feliz, uma vez que, em tal condição, torna-se capaz de suspender o



tempo. Assim, afirma que “(...) a felicidade do animal, como a do cínico perfeito, é a prova viva da razão do cinismo (NIETZSCHE, 2003, p.9).

Ao contrário do que possa parecer, Nietzsche não desconsidera a importância do “a-histórico”. Pelo contrário, o compreende como inerente ao processo histórico. Neste sentido, aponta para uma apropriação que permita evocá-lo e empregá-lo, de acordo com as circunstâncias. Com isso, “esta é justamente a sentença que o leitor está convidado a considerar: *o histórico e o a-histórico são na mesma medida necessários para a saúde de um indivíduo, um povo e uma cultura*” (NIETZSCHE, 2003, p.11).

Assim, a história a serviço da vida não pode ser apenas um conhecimento pronto e acabado, pois, dessa forma, nada mais seria que erudição infrutífera. Nestas condições, afirma Nietzsche (2003, p.17), “para o que detém o saber, este poder tornou-se agora impotente – mas talvez ainda não para o vivente”; ou seja, se não for uma história que contribua para a educação para a vida, de nada adianta.

Para o aprimoramento da percepção de seu papel, Nietzsche (2003) apresenta três concepções de história e seus desdobramentos e consequências sobre a educação. São elas: a “história monumental”, a “história antiquário” e a “história crítica”. Neto (2016, p.44), ainda ressalta uma quarta: “a concepção escatológica da historicidade cristã”.

Quanto a primeira, a “história monumental”, Nietzsche (2003, p.19) afirma que essa forma de história busca nos grandes feitos da humanidade uma saída para o presente. Contudo, longe de ser com o objetivo de transformar a própria vida, esta serve com propósito de uma fuga resignada “onde apenas o que é grande sobrevive!”.

A segunda forma tratada por Nietzsche (2003) é o da “história antiquário”. Segundo Neto (2016, p.44), esta “(...) que se caracteriza por uma atitude de conservação e veneração do passado, teria o poder de produzir um sentimento de ‘prazer e satisfação’ ao fazer o indivíduo se sentir pertencente a uma tradição”.

A terceira forma tratada por Nietzsche (2003) é a história crítica. Com ela ressalta-se a dignidade de todo passado em ser condenado. Assim, salienta a força que o devir, a vida, impõe sobre o homem, muitas vezes, a necessidade de aniquilar “passados”.

Segundo Nietzsche (2003), isso é demasiado perigoso, pelo fato de pertencermos ao passado e termos, em relação a ele, uma dose de responsabilidade. Neste sentido,



coloca que, para uma posição crítica como essa, torna-se imprescindível se reconhecer, também, como responsável, em parte, do que pretendemos criticar

A “história crítica” segundo Nietzsche (2003, p.33), deve nos proporcionar uma relação de aproximação entre o interior humano e o exterior. Segundo ele, a modernidade enfatiza essa separação e, além disso, nos ensina que conteúdo e forma são antagônicos. Com isso deixa-nos impregnados de uma cultura inútil, que precisa ser superada através de uma crítica que, como dito acima, proporcione “pertencimento”, “responsabilidade” e “unificação” do homem.

### **Educação como Busca**

Na terceira extemporânea, “Schopenhauer educador”, Nietzsche (2011), mantém sua crítica a respeito da humanidade em fuga de si. Assim, inicia retomando criticamente a tendência vertiginosa da humanidade por uma felicidade absoluta. Esta, por sua vez, coloca que o homem em uma condição de “negligência, com passos contados” diante da vida.

Com isso, Nietzsche (2011, p.162) deixa os primeiros indícios de sua próxima jornada “extemporânea” (NIETZSCHE, 2009)<sup>2</sup>, pois anuncia que o homem, na tentativa de evitar os aborrecimentos, “impostos por uma honestidade e nudez absolutas”, acaba cedendo a opiniões postizas e que não condizem com sua realidade existencial. Por isso, diverge absolutamente da arte, pelo fato desta, em sua autenticidade, desafiar a realidade.

Diante disto, Nietzsche (2011) salienta que vivemos em um tempo sombrio onde, os “homens despojados” de seu próprio tempo, são repugnantes e tratados com demérito. A cultura atual tem prezado pelo homem preso à narrativa comum, dominante, tradicional, e, principalmente, descomprometida com a transformação e atuação no mundo. No entanto, é preciso ser “extemporâneo”.

Nietzsche (2011) quer libertar o homem do que chamou de comportamento “provinciano”. Com isso, quer que ele seja um desbravador do mundo. No entanto, para isso, ele precisa saber que é impossível determinar a sua essência a partir de explicações generalizantes e deterministas.

Para alcançar esse grau de maturidade a respeito da fluidez da existência humana como devir, necessita-se de um educador que, antes de ser um condicionador baseado em formalismos e receitas existenciais baseadas na simples tradição, seja, antes, um

---

<sup>2</sup> Projeto Wagneriano de revitalização cultural através da Música.





libertador. Por isso, afirma Nietzsche (2011, p.166) não conhecer “coisa melhor do que se lembrar dos nossos mestres educadores”. O seu é Arthur Schopenhauer.

A busca nietzscheana por um educador se iniciou na juventude. Ele buscava uma filosofia para educá-lo e para seguir. E isto ocorreu por conta de possuir necessidades que não poderiam ser sanadas com a educação oferecida até então. Para Nietzsche (2011), as universidades, professores, alunos, o campo educacional de modo geral, não passa de um grande marasmo imerso em contentamento.

Assim, denuncia que a ciência, apesar de nunca negar sua importância, acabou sobrepondo-se a importância da própria humanidade. Neste sentido, a educação se perdeu em um caminho de mercantilização do conhecimento. Junto com ela, a noção da relação entre educação e tempo. Disto, nos chama a atenção Nietzsche (2011, p.169), sobre as “(...) numerosas espécies que ficaram defeituosas e corcundas, ao se dedicarem sem reflexão e muito rapidamente à ciência”.

Para Nietzsche (2011) este acanhamento do homem diante do conhecimento alcançou o mais alto grau por conta do condicionamento causado pela inércia moral. Por isso, vivemos dos despojos do que já foi realizado pelos nossos ancestrais. No entanto, este estoque cultural, além de estar se dissipando, não consegue mais acolher as necessidades da humanidade. Precisamos que nossos mestres também sejam “educadores morais”.

Para isso, afirma Nietzsche (2011), o educador precisa ser “honesto”, “sereno” e “constante”. Honesto, pelo fato de apresentar a realidade como é, sem determinismos e modelos que se interponham entre o homem e sua relação com o mundo e consigo mesmo. Sereno, por não se apegar a escatologias e desesperos, de tipo apresentado por alguns fanáticos religiosos<sup>3</sup>. Constante, por corroborar as duas características anteriores. Isso significa nunca se sentir pronto, contudo, nunca deixar de buscar as condições necessárias para a lucidez diante do mundo.

Assim, essa educação, que Nietzsche encontrou em Schopenhauer se fez em uma educação para a vida. Uma vida filosófica, que vai além dos livros e da erudição, que busca colocar em condição de liberdade tanto o espírito, quanto o corpo. Com isso, torna-se possível vencer os “perigos” de nossa existência.

---

<sup>3</sup> David Stauss é um destes, combatido fortemente por Nietzsche na Primeira Extemporânea.



## Educação e Restauração

A quarta consideração extemporânea, “Wagner em Bayreuth” (NIETZSCHE, 2009), trata da busca por uma restauração da cultura através da arte música de Richard Wagner. Esta foi encarada por Nietzsche como uma forma possível de reavivar a Alemanha da decadência cultural. Para tal empreitada, foi desenvolvido um audacioso projeto que, para além da arte, envolvia a redenção do homem moderno.

Segundo Cavalcanti (2009, p.9-10), o primeiro encontro entre Nietzsche e Wagner ocorreu em 1968. Correspondendo “todas as expectativas” do jovem filósofo, que viu em Wagner o avivamento da essência humana que havia encontrado em Schopenhauer, Goethe e Ésquilo. Nele Nietzsche encontrou o mais significativo dos amigos”.

Nietzsche viu em Wagner um homem que desafiou as tradições sociais e musicais da ópera (CAVALCANTI, 2009). Dessa forma, encontrou o seu mais iponente combatente contra o “filisteu da cultura”. Assim, encontrou alguém que, antes do “divertimento”, pensava a arte como “arte elevada”. Nietzsche se apropriou da concepção de arte de Wagner como “totalidade”.

Dessa forma, antes de servir como instrumento de entretenimento para as classes altas e forma de distinção social, ela deveria servir como norteadora da cultura alemã. Assim, como a tragédia grega representava a totalidade da sociedade grega, a opera wagneriana poderia fazer o mesmo. Reunir o homem partido pela modernidade em uma jornada de reestruturação da cultura e da sociedade alemãs.

Nas palavras de Nietzsche (2009, p.37), “para que um acontecimento tenha grandeza, é preciso reunir duas condições: que a grandeza inspire os que o realizam e os que o vivenciam”. Nisso, mostrou sua crença no projeto wagneriano de restauração da cultura alemã. No entanto, esta reconstrução passava por uma dimensão importante: o reconhecimento da “necessidade”.

Desta forma, a jornada de restauração cultural não deveria ser imposta como um manto autoritário sobre toda a população. Nada disso. Ela se apresentava como uma grandeza associada a necessidade. Assim, segundo Nietzsche (2009, p.39), mesmo sem querer, este projeto não se dirigia a todos. Àqueles associados aos filisteus da cultura ou por eles influenciados não seriam atingidos. Em Nietzsche, educação envolve vontade.

Para Nietzsche (2009), a arte moderna tinha “no novo” uma expectativa negativa. Ela se apegava às formas tradicionais da existência social e artística. Com



isso, impedia qualquer mudança, mesmo que fosse motivada por questões reconhecidamente necessárias por parte da população alemã. Desta forma, viu nisso a materialidade da barreira formada pelas práticas dos “filisteus da cultura”.

Nietzsche (2009) coloca entre os entraves para o projeto wagneriano, além dos filisteus da cultura, a tendência de termos “ídolos”. Estes podem se manifestar de varias formas, principalmente, como condição. Assim, a condição de ídolo tende a conduzir os homens ao sucesso e ao fracasso ao mesmo tempo. Isso pelo fato de tender gerar conformismo (como um artista que se perde no prestígio e no prazer, e não se dedica mais com tanto afínco).

Para um projeto de restauração cultural não basta apenas palavras. É imprescindível a presença de homens de ação. E Nietzsche (2009, p.56) apoiou o projeto de Wagner justamente por perceber a moderna história alemã com “sinal de adormecimento, de atraso e de fraqueza”. Neste sentido, os alemães não deveriam se servir da história como ópio às mudanças necessárias.

Nietzsche (2009) viu em Wagner um “verdadeiro filósofo”, assim como viu em Schopenhauer. A saga wagneriana de substituir a cultura dos “filisteus” por uma nova concepção e prática de vida cultural buscou materialidade na própria estrutura dos teatros alemães. E essa conexão prática de Wagner com a reliadade, que encantou Noetzsche.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da relação e tempo nos escritos nietzscheanos chamados extemporâneos reacende uma série de questões relevantes para a atualidade. Nos lembra que não devemos educar apenas para a tradição e a seguir orientações de forma unilateral. Além disso, nos coloca diante de uma perspectiva do tempo que não pode ser compartimentada.

Nietzsche nos ajuda a não perdermos de vista que devemos ser entes de raciocínio, contudo, também de ação. Sem esta junção não podemos mudar nada. Precisamos ser pessoas que transformam o mundo em através do reconhecimento de necessidades. E, pra isso, é preciso ser forte, desafiador e corajoso. Assim, a cada manhã que acordamos, podemos fazer dela, no dizer de Nietzsche (2009), a manhã da consagração da batalha.

## **REFERÊNCIAS**



BARRANECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e a alegria do trágico**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

BARRANECHEA, Miguel Angel de. **Nietzsche e a liberdade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BURNETT, Henry. **Para ler o caso Wagner de Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

BURNETT, Henry. **Para ler o nascimento da tragédia de Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CAVALCANTI, Anna Hartmann. **Arte como movimento de renovação da cultura**. In. NIETZSCHE, Friedrich. **Wagner em Bayreuth**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HOLLINGDALE, R. J.. **Nietzsche – uma biografia**. São Paulo: Edipro, 2015.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2005.

LIMA, Márcio José Silveira. **As máscaras de Dioniso**. São Paulo, Discurso Editorial/Unijuí, 2006.

MACHADO, Roberto. **O nascimento do Trágico – de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

NETO, João Evangelista Tude de Melo. **Considerações Extemporâneas I,II,II,IV**. In. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: GEN/Edições Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **David Strauss – sectário e escritor**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano II**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **III consideração intempestiva**. In. NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre Educação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Segunda consideração intempestiva – da atualidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. **Wagner em Bayreuth**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROMILLY, Jacqueline. **A tragédia grega**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.